

RETORNO PRESENCIAL E A COVID-19: CONTINUIDADES E RUPTURAS NAS AULAS DE HISTÓRIA

Rosana Paulo de Sousa¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7756-2245>

Mônica Paula de Sousa Martins²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6798-2075>

1 INTRODUÇÃO

Os anos de 2020 a meados de 2022 foi marcado pela pandemia da COVID-19. Um vírus altamente contagioso, o SARS-CoV-2, se espalhou pelo globo e, em meses, transformou a realidade que a sociedade conhecia. Permanecer em casa era a regra até que a situação fosse controlada. O home office e as tecnologias digitais passaram a ser meios para educação dar continuidade às suas atividades e não parar.

Nesse contexto, as tecnologias foram as ferramentas para que a formação dos alunos não fosse interrompida, mesmo frente a grande desigualdade socioeconômica brasileira. Durante o período pandêmico, os alunos das escolas públicas foram os mais prejudicados, pela falta de equipamentos e espaço adequados, além das dificuldades aparentes de acompanhar os conteúdos ministrados de forma online, como foi possível observar no início desta pesquisa em maio de 2020, com a coleta de dado obtida por meio de um questionário aplicado aos alunos das turmas de história de uma escola na região metropolitana de Fortaleza, no Ceará, que resultou na publicação de um artigo.

Assim, a pesquisa continuou e intencionou investigar as consequências desse período de isolamento, do uso de tecnologias digitais, particularmente do celular

¹ Professora da Instituição Beneficente Menino Jesus em Justinópolis, Ribeirão das Neves-MG. Mestranda em História (pela UFOP) e Licenciada em História (pela UECE). E-mail rosanasousap8@gmail.com

² Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) no Centro Multidisciplinar de Pau dos Ferros. Doutoranda em Ensino de Ciência e Matemática (pela UNICAMP), Mestra em Matemática (pela UFPB) e Licenciada em Matemática (pela UECE). E-mail monica.sousa@ufersa.edu.br

utilizado nos estudos domiciliares, para aprendizagem do aluno no retorno presencial em fevereiro de 2022, na disciplina de história no Ensino Médio dessa escola, posto que se sentia a necessidade de relatar as continuidades e rupturas para as aulas de história nesse caso vivenciado por uma das autoras. Para tanto, elaborou-se um novo questionário sobre a visão do aluno acerca de uma nova forma de aprender a história com o auxílio das tecnologias digitais e/ou um melhoramento ou não do acesso ao conhecimento histórico.

Finalizada a coleta, foi iniciada como abordagem metodológica uma observação participante, descrita a partir da técnica da análise estatística, que resultou em um trabalho de conclusão de uma especialização de uma das autoras, onde foi possível colher, a partir das respostas de um total de 170 alunos, das turmas de 1º, 2º, 3º ano do ensino médio e turmas do EJA (Educação de Jovens e Adultos) dessa escola, que as tecnologias digitais, principalmente o celular, cumpriram com o seu papel, a saber, o de possibilitar a continuidade do ensino no período da pandemia do COVID-19, bem como a aprendizagem dos alunos na disciplina de história, porém ao final do ano letivo, no retorno presencial, os alunos não se sentiam preparados para ingressar no ensino superior ou no mercado de trabalho. Viu-se aí que havia a necessidade de observar o que estava subjacente a esse papel das tecnologias no retorno presencial, que marcou a insegurança dos alunos diante o futuro profissional, podendo assim contribuir com o diagnóstico dos traços subjacente às práticas pedagógicas do período remoto que trouxeram permanências para método de ensino, levantando, ou não, novas marcas para cronologia histórica da evolução da disciplina de história.

Dessa forma, no presente relato busca-se mostrar, com o auxílio da análise qualitativa, aliada a uma análise fatorial, para finalização das observações e registros iniciados em 2020 e finalizadas em fevereiro de 2022, os traços subjacentes a experiência dos alunos nesse período de retorno presencial, que não foi possível captar com a observação participante feita anteriormente, onde a preocupação é procurar pensar as mudanças e permanências do contexto remoto e retorno híbrido para

contribuir com as ideias de permanência dessa disciplina no currículo escolar do ensino médio.

Portanto, o presente relato procura contribuir com a discussão sobre as consequências do uso do celular nas salas de aula de história para os alunos do ensino médio da escola pública como marca de continuidade e/ou ruptura da pandemia do Covid-19 nessa disciplina do currículo escolar nos dias de hoje.

2 O ENSINO DE HISTÓRIA

Segundo Circe Bittencourt (2018), as circunstâncias históricas escolares permitem a formação dos objetivos, conteúdos e métodos da disciplina e estudá-las permite observar as mudanças e principalmente as permanências para seu ensino e aprendizagem. Desde a sua inserção no currículo escolar como uma disciplina, o ensino de história estava associado às lições de leitura para fortalecer o senso moral e de dever para com a pátria, no qual em um primeiro momento se assemelhava ao modelo francês de ensino. Já na República, houve um aprofundamento dos processos de identificação com a história da Europa, servindo para enaltecer os “heróis” brasileiros de então e criar uma ideia de nação e de nacionalidade. Tinha um programa elaborado pela elite dominante, usado como uma ferramenta de homogeneização de um único passado, com um lugar para cada sujeito na sociedade, sem as classes populares participando dessa edificação da história “oficial”.

Entretanto, no início do século XX, a partir da escola nova, os métodos, as abordagens e a produção histórica passaram a ser questionados, persistiu-se na necessidade de se reformular o ensino da disciplina, pois havia uma crítica sobre a metodologia ser baseada na decoração e memorização, recaindo mais, através dos educadores progressistas, no que foi denominado, segundo Mende (1935, p. 40) “a technica viciosa de sua methodologia”, materializada nessa memorização cavalariça, sem desmerecer a memória, na periodização política, no uso do fatual etc.

A reformulação baseava-se em formar um aluno crítico, analista e investigativo dos fatos histórico, o que favoreceu, segundo Bittencourt, a introdução do currículo científico e o método ativo, mas que não foi suficiente para mudar o sistema de avaliação, mantendo a metodologia da memorização, haja vista a máxima da autora de que “quem não cola não sai da escola” (Bittencourt, 2018, p. 67).

A mudança significativa, ocorre em 1934, com a criação dos primeiros cursos universitários de formação dos professores para ensino secundário, que vinha influenciada por pensadores franceses como Fernand Braudel e Lucien Febvre e pela ampliação do ensino secundário para as classes populares, tornando-se obrigatório para toda a população.

Nos anos de 1940 e 1950 veio a discussão sobre a neutralidade do professor e da disciplina de história, o “tecnicismo educacional”, no qual não era necessário repensar o conteúdo, apenas afinar a metodologia. E nos anos de 1960, um novo ensino se articulava para uma renovação do método e mudança do conteúdo. Porém, no governo civil-militar, nasce a disciplina de Estudos Sociais e a de história perde espaço e autonomia. Com o fim desse período, no nascimento do Estado Constitucional, teve-se a necessidade emergencial de novas propostas curriculares em todo o Brasil, procurando firmar os currículos em uma escola de fundamental de oito anos, conforme Nadia (1992).

Dessa forma, foram várias reformulações do currículo escolar e do ensino de história no ensino fundamental, antigo ensino primário, bem como no ensino secundário, atual Ensino Médio. Reformulações estas que, segundo Bittencourt (2018) procuraram garantir a participação dos diversos setores da sociedade, nascendo em 1996 a Lei de Diretrizes e Base (LDB), mas que também serve aos interesses internacionais e à lógica de mercado.

Portanto, as mudanças e permanências pelas quais a disciplina de história passou e passa em seu conteúdo e método, as faz permanecer no currículo escolar até os dias de hoje para formar um cidadão crítico, ciente da ferramenta ideológica que ela pode ser, como feito pelas classes dominantes para dominação das massas em alguns

momentos de sua história na educação brasileira, porém mais ciente ainda do seu caráter científico, analítico e investigativo, que pode fazer a diferença quando a informação parece conhecimento, tornando o uso do celular em sala de aula uma ferramenta para interatividade como marca do ensino remoto, sem a insegurança como marca do período de retorno presencial, hipótese a ser investigada no presente relato.

3 O ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DA TECNOLOGIA NA SALA DE AULA

Um mundo globalizado e integrado, com informações, notícias e conhecimentos compartilhados em questão de segundos, permite que a educação acompanhe seu ritmo? Os professores estão aptos? As salas de aula estão equipadas? E a partir do final do ano de 2021, com aulas remotas e híbridas, a tecnologia vem sendo um aliado da educação? São questões estas que permeiam as pesquisas atuais.

Segundo Igor Santos (2012), são diversas as discussões, mas o que se destaca é a informatização da informação. Há informações, que por conta da internet e do acesso ao aparelho celular são confundidas com conhecimento. É função do professor orientar para o filtro e análise crítica dessas informações, transformando em conhecimento.

Como salienta Ferreira (1999), olhando para o professor, uma nova postura não vem do uso puro e simples dessas tecnologias, mas do domínio do conteúdo e de metodologias diversas, uma vez que na disciplina de história há uma busca por fazer o aluno ao estudar o acontecido compreenda o atual, vendo-se como protagonista de sua vivência, e assim podendo contribuir para uma sociedade mais democrática. Busca-se assim, o papel das tecnologias nesse cenário de transformação.

Entre os anos de 2020 e 2021, as tecnologias foram o meio viável para dar continuidade ao ensino na educação brasileira, haja vista o isolamento durante a pandemia de covid-19. Questiona-se aqui as consequências desse acesso às tecnologias, particularmente do uso do celular nas salas de aula de história para os alunos do ensino médio da escola pública, traçando as marcas deixadas pela pandemia

nessa disciplina, para metodologia do professor nessa nova realidade, quando do retorno híbrido, a luz da visão dos alunos.

Antes, a sala de aula se dava com interação social, a partir do isolamento social ocasionado pela covid-19, as salas passam a ser virtuais, através dos computadores, celulares etc. A interação era virtual, trocas de mensagens em grupos de *WhatsApp*, flexibilização de conteúdo, atividades, avaliação etc. Porém o contexto socioeconômico não favorecia, pois muitos não tinham o mínimo: um espaço adequado para o estudo. A realidade vivenciada na escola pública se reproduzia, particularmente, na Escola José Alexandre, com a ausência de alunos levando ao abandono, mostrando, como fala Andrade (2021), “(...) que a pandemia de Coronavírus gerou vários impactos na educação, tanto para estudantes quanto para os docentes e as instituições de ensino em diversos países” (Andrade, 2021, p. 45), visto que alguns professores também não conseguiram uma familiaridade pedagógica com as tecnologias de informação e comunicação, dificultando o andamento dessa nova forma de ensino (Arruda, 2020).

Agora, com o retorno híbrido se observa com maior força, que as tecnologias da informação se fizeram e fazem necessária nesse novo contexto provocado pelo COVID-19, bem como sugere não ser possível pensar em educação sem levar em conta tais tecnologias nessa nova realidade. Há de se pensar, como Lopes (2016), cursos de licenciatura com disciplinas voltadas para a formação tecnológica do licenciando, sendo as dificuldades observadas nesse contexto da Covid-19 e projetando a atuação de forma mais satisfatória na sala de aula de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Pensar o ensino voltado para alunos nascidos na era digital, posto que “(...) essa sociedade se encontra, atualmente, diante de um novo paradigma, organizado em torno das tecnologias da informação, associado a transformações sociais, econômicas e culturais, do qual o fenômeno da internet é uma manifestação.” (Lopes, 2016, p70)

Com isso, pensar o ensino para essa geração, mais conectada ainda a partir da pandemia do COVID-19, é equilibrar a manifestação de estar sempre conectado ao estado de desorientação quanto ao que seria conhecimento. O ser reflexivo se faz presente nesse cenário, onde a visão dos alunos sobre seu processo de ensino e

aprendizagem, comparando as vivências das aulas remotas e do retorno às aulas presenciais, pode contribuir com o uso das tecnologias móveis como celular, smartphones etc., para flexibilizar a aprendizagem sem deixar um receio devido a indisciplina e desatenção do aluno, posto que, como salienta Oliveira Neto (2016):

Mesmo diante a perspectivas negativas, romper com essa visão e descentralizar o professor do processo ensino e aprendizagem, empregando toda interatividade utilizada pelo estudante no tempo dentro e fora da sala de aula, poderá criar um ambiente motivador da aprendizagem, inovador. (Oliviera Neto, 2016, p. 228)

Com o retorno das aulas presenciais a partir de setembro de 2021, tem-se a oportunidade de observar essa interatividade, posto que ainda havia o ensino remoto e uso do celular na sala de aula. Surgiu-se, então, a necessidade de diagnosticar os traços do ensino remoto e das aulas no retorno presencial, com benefícios e/ou malefícios do uso do celular para formação crítica na diferenciação do que é informação e conhecimento, por meio da interatividade do ensino remoto e das marcas do período híbrido.

4 MÉTODO

O presente relato procura apresentar a finalização das observações e registros iniciados em maio de 2020, com turmas de história de uma escola de Ensino Médio da região metropolitana de Fortaleza, no estado do Ceará, que resultou, inicialmente, na publicação de um artigo em julho de 2020 com os traços observados de limitações descritos pelos alunos para o acesso aos meios tecnológicos, além das dificuldades emocionais nas atividades remotas.

A continuação dos trabalhos até fevereiro de 2022, procurou pensar as mudanças e permanências do contexto remoto e retorno híbrido para as escolas do estado do Ceará, trazendo um levantamento das concepções dos atuais alunos dessa mesma escola no retorno presencial e consequências da forma de estudo remota

durante a pandemia do Covid-19 com os estudos domiciliares compartilhado através de tecnologias e mídias para contribuir com as ideias de permanência dessa disciplina no currículo escolar do ensino médio.

A luz da análise fatorial, o presente relato procura diagnosticar os traços das concepções dos atuais alunos dessa mesma escola que geraram insegurança quanto ao futuro no retorno presencial e consequências da forma de estudo remota durante a pandemia do Covid-19 com os estudos domiciliares compartilhado através do uso do celular para contribuir com a marca da interatividade reflexiva numa sociedade cada vez mais tecnológica, sendo uma ideia de permanência da disciplina de história no currículo escolar do ensino médio, por meio da flexibilização do uso do celular em sala de aula.

Assim, a metodologia do presente relato foi constituída pela observação participante durante todo o percurso da pesquisa e pela aplicação de um segundo questionário aplicado às turmas de 1º ano, 2º ano e 3º ano dessa escola, além de turmas do EJA, obtendo uma participação de 170 alunos, onde as respostas foram estruturadas por meio técnica de análise usada no início do estudo, com o primeiro questionário, a qual seria a análise fatorial, que é um procedimento psicométrico útil para medir, dentre outra coisa, a personalidade (LAROS, 2005).

Ao considerar a compreensão um processo psicológico, será entendida como um constructo psicológico, e essa técnica de análise está no centro da mensuração desses constructos. E como não se pode observar diretamente a compreensão de algo, o que se pode ver são indicadores associados a ela, a análise fatorial tem um uso exploratório, que relacionado a explicação, identifica o que está subjacente ao que uma escala está medindo (LAROS, 2005), como a escala de 1 (discordo muito) a 5 (concordo muito) usada no questionário, cujas afirmações estão descritas no QUADRO 1, das afirmações presentes na seção que caracteriza o perfil dos alunos participantes quanto à questão investigada no instrumento desta pesquisa, a qual seja quais seriam os benefícios e/ou malefícios do uso do celular para formação crítica do aluno de Ensino Médio em uma escola pública para diferenciação do que é informação e conhecimento, analisado por meio do PSPP, software livre da Biblioteca Científica GNU,

lançado por Richard Stallman em 1983, para obter os fatores subjacentes aos dados coletados.

Quadro 1: Afirmações do questionário elaborado com escala *Likert* entre 1 e 5 pontos, variando de “discordo muito” a “concordo muito”.

| Itens | Afirmações |
|-------|---|
| Q01 | Antes da pandemia da COVID-19 minha aprendizagem nas aulas de história era boa. |
| Q02 | Antes da pandemia da COVID-19 minha participação nas aulas de história era boa. |
| Q03 | Antes da pandemia da COVID-19 eu usa o celular para fazer as atividades da aula de história |
| Q04 | Antes da pandemia da COVID-19 eu usava o livro didático para fazer as atividades da aula de história. |
| Q05 | Durante a pandemia da COVID-19 minha aprendizagem nas aulas de história foi boa |
| Q06 | Durante a pandemia da COVID-19 eu conseguia participar nas aulas online da disciplina de história. |
| Q07 | Durante a pandemia da COVID-19 eu usava o celular para fazer as atividades da aula de história. |
| Q08 | Durante a pandemia da COVID-19 eu usava o livro didático para fazer as atividades da aula de história. |
| Q09 | No retorno às aulas presenciais ou híbrida minha aprendizagem era boa para acompanhar as aulas de história. |
| Q10 | No retorno às aulas presenciais ou híbridas eu sentia a necessidade de usar o celular para fazer as atividades da aula de história. |
| Q11 | No retorno às aulas presenciais ou híbridas eu usava o livro didático para fazer as atividades da aula de história. |
| Q12 | No fim do período de retorno às aulas presenciais ou híbrida me senti preparado para o próximo ano letivo. |

Fonte: As autoras.

Para confiabilidade da pesquisa, adotou-se também o mesmo meio estatístico usado no início das investigações, com o primeiro questionário aplicado em maio de 2020, o *alfa de Cronbach*, visto que tal medida relata o quanto as respostas do questionário dependem mais dos fatores gerais subjacentes aos itens e do grupo de respondentes do que dos indicadores específicos de cada item, ou seja, diferentes subconjuntos dos itens resultariam em medidas semelhantes (TABER, 2018).

Assim, foram agrupadas as características dadas pelo software, observada no questionário, em traços comuns das vivências dos alunos com a aprendizagem, a participação nas aulas, o uso do celular e do livro didático nas aulas remotas e no

retorno às aulas presenciais, separada por momentos que consideravam antes, durante as aulas remotas e no retorno presencial ou híbrido.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As situações históricas na escola permitem observar o que muda, mas principalmente, o que permanece nas práticas de ensino e nas formas de aprendizagem (Bittencourt, 2018), destacando a formação de objetivos, a prevalência de conteúdos e métodos na disciplina. Com isso, a vivência de turmas em uma escola de março de 2020 a fevereiro de 2022 pode destacar linhas como os observados no início desta pesquisa e confirmados pelas marcas subjacentes destacadas na análise fatorial feita inicialmente, quando de 339 alunos matriculados, a amostra contou com 111 (33% um tamanho adequado para quantidade de itens do questionário utilizado), levando a traçar que no período da pandemia da Covid-19, na escola estudada, o público alvo era formado por alunos “autônomos”, que mesmo com menos acesso às estruturas tecnológicas não se viam limitados na dedicação às aulas e no compromisso com sua aprendizagem e alunos “afetados”, que mesmo com maior acesso aos meios tecnológicos, estavam desmotivados e ansiosos, dificultando o desempenho deles. (Martins e Sousa, 2020)

Na presente análise, ao final do período investigado, com um novo questionário, agora no retorno presencial a amostra contou com 170 respondentes (26% aproximadamente dos 641 alunos matriculados na escola), tamanho também adequado, posto que a regra geral são dez por afirmação usada no instrumento (Crocker; Algina apud Laros, 2005). A confiabilidade foi é aferida pelo *alfa de Cronbach* como mencionado e obteve 73%, permitindo partir para a análise após caracterizar de forma censitária os participantes, cuja maioria se consideram mulher (54,9%), sendo 44,4% que se consideravam homem, na faixa etária de 15 a 17 anos, cursando 3º (63,6%) e 2º (27,9%), com participação do 1º ano (2,6%) e das turmas de EJA (5,8%).

Para observar as situações de permanência no caso estudado, partido de um cenário, onde os alunos eram autônomos ou afetados pela realidade das aulas remotas na pandemia, se viam conectados por obrigação da rotina escolar, esses com dificuldades de uso das tecnologias e aqueles não, o uso do celular liberado e fonte de interação, veem-se agora retornando as atividades presenciais na escola, nesse cenário socioeconômico descrito anteriormente, alguns precisando ainda das aulas remotas, outros ansiando por esse retorno, a luz da análise fatorial, o instrumento traz 4 fatores (grupos de alunos), com 60,39% da variância dos dados, onde a porcentagem (cada carga fatorial) dá a correlação entre as características afirmadas nos itens do questionário e perfil do grupo de respondente, conforme **TABELA 1: FATORES RESULTANTES DA ANÁLISE**, cujo traço subjacente aos itens (ou perfil) é dado qualitativamente pelas observações da autora professora das turmas investigadas. Vale destacar, que todas as afirmações (variáveis) do instrumento apresenta carga em todos os fatores, mas pela metodologia da análise fatorial ela é desconsiderada, quando abaixo de 50% nos itens dos demais fatores.

Tabela 1: Fatores resultantes da análise.

| Itens | Fator | | | | Perfil |
|---|-------|------|---|---|-----------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | |
| Durante a pandemia da COVID-19 minha aprendizagem nas aulas de história foi boa. | 0,69 | | | | Adaptados |
| No fim do período de retorno às aulas presenciais ou híbridas me senti preparado para o próximo ano letivo. | 0,69 | | | | |
| No retorno às aulas presenciais ou híbrida minha aprendizagem era boa para acompanhar as aulas de história. | 0,67 | | | | |
| Durante a pandemia da COVID-19 eu conseguia participar nas aulas online da disciplina de história. | 0,61 | | | | |
| No retorno às aulas presenciais ou híbridas eu sentia a necessidade de usar o celular para fazer as atividades da aula de história. | | 0,83 | | | Inseguros |
| Antes da pandemia da COVID-19 eu usava o celular para fazer as atividades da aula de história. | | 0,75 | | | |

| | | |
|---|------|------------|
| No retorno às aulas presenciais ou híbridas eu usava o livro didático para fazer as atividades da aula de história. | 0,68 | |
| Durante a pandemia da COVID-19 eu usava o livro didático para fazer as atividades da aula de história. | 0,67 | Impactados |
| Durante a pandemia da COVID-19 eu usava o celular para fazer as atividades da aula de história. | 0,62 | |
| Antes da pandemia da COVID-19 eu usava o livro didático para fazer as atividades da aula de história. | 0,71 | |
| Antes da pandemia da COVID-19 minha aprendizagem nas aulas de história era boa. | 0,68 | Afetados |
| Antes da pandemia da COVID-19 minha participação nas aulas de história era boa. | 0,57 | |

Fonte: As autoras.

Assim, a observação participante permitiu traçar o fator 1 como “adaptados”, pois apresenta características de um grupo que se adaptou bem ao ensino remoto, não acarretando dificuldades para o retorno presencial e gerando boas expectativas para próximo período letivo, não influenciando a presença do celular nas aulas de história, posto a carga negativa nessa afirmação para esse grupo. O fator 2 como “inseguros”, visto que há uma forte necessidade do uso do celular, mostrando insegurança ou receio frente a possível ausência dessa tecnologia em sala de aula, tanto que apresentou carga negativa na afirmação de que aprendizagem era boa durante o retorno presencial, além dos itens que tratavam do uso do livro didático antes da pandemia e no retorno presencial.

O fator 3 seria “impactados”, por se apresentar como um grupo de alunos não tão conectado como a maioria dos respondentes, podendo ser pela dificuldade de acesso, posto que apontou carga baixa no item que falava da participação nas aulas online durante a pandemia e no item que tratava da necessidade de sua utilização no retorno presencial. E o fator 4 como “afetados”, uma vez que se mostraram afetados pela metodologia do ensino remoto, provavelmente pela ausência de acesso, uma vez que

apresentou carga negativa nos itens que tratavam de seu uso antes e durante a pandemia, bem como carga baixa nos itens dos demais fatores.

Pode-se, portanto, inferir que a dificuldade de acesso às tecnologias ainda se faz muito presente na sociedade descrita por Lopes (2016), organizada em torno das tecnologias da informação e com o fenômeno da internet como uma manifestação. O inovador de Oliveira Neto (2016), com o uso do celular para criar um ambiente motivador da aprendizagem, usando o tempo do aluno dentro e fora da sala de aula precisa ser muito bem pensado ainda, pois a realidade socioeconômica que envolve a escola é ainda muito diversa.

O ser reflexivo, segundo as ideias de Igor Santos (2012), com vistas a informatização da informação, diferenciando de conhecimento, seria um trabalho que se faz necessário para os alunos dos grupos 2, visto sua necessidade de conectividade, já para os alunos do grupo 1 não se teria provavelmente a mesma necessidade. Contudo, para os alunos do grupo 3 e 4, além da necessidade, possivelmente, haveria dificuldades quando o inovador do uso do celular for o trabalho fora da sala de aula, pois para flexibilizar uso do celular na criação de um ambiente motivador de aprendizagem, os percalços iriam além do receio de indisciplina e desatenção do aluno, passando pela dificuldade de acesso.

Dessa forma, as situações históricas (Bittencourt, 2018) desse período de observação aliadas as correlações da análise fatorial permitem observar que subjacente às experiências das aulas remotas e no retorno às aulas presenciais, separando por momentos como antes, durante as aulas remotas e no retorno presencial ou híbrido existem as mudanças e permanências da disciplina de história no currículo escolar destacadas pelos alunos, as quais sejam: permanecem as dificuldades de acesso às tecnologias, que não mudou com os avanços e incentivos governamentais do período pandêmico; permanece a formação de um cidadão crítico frente às manipulações ideológicas e se faz mais ainda necessária; muda a flexibilização do uso do celular para criar um ambiente inovador, pois sai do foco da desatenção e indisciplina dos alunos e passa para uma caracterização do corpo de

alunos da escola, uma vez que a realidade da escola estudada indica que há desde alunos hiper conectados a alunos desconectados, reafirmando o paradigma de Lopes (2016) de uma sociedade organizada em torno das tecnologias da informação, quando o fenômeno da internet é uma manifestação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o momento pandêmico e de isolamento social vivido durante os anos de 2020 a 2021, contribuiu para que adentrássemos de forma acelerada em um mundo tecnológico e hiper conectado, sendo essa uma realidade também no mundo pós-pandemia. Para tanto, a presente pesquisa tenta evidenciar as consequências do ensino remoto e do estudo domiciliar para os alunos na disciplina de história, haja vista que como mostrado acima, esse momento histórico trouxe mudanças e permanências no currículo da disciplina e gerou insegurança no corpo discente quanto ao futuro no retorno presencial, pois, embora a dificuldade de acesso às tecnologias ainda seja uma realidade, alguns alunos se adaptaram bem ao novo formato e não tiveram dificuldades no retorno presencial, porém, a maioria deles se sentiram impactados, sendo alguns pela dificuldade de acesso a tais tecnologias digitais na escola e/ou em casa, e outros pela insegurança na ausência dessas tecnologias nas aulas presenciais.

7 REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. Em Rede-Revista de Educação a Distância, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/62> 1. Acesso em 07/01/2022

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar; SANTOS, Igor. Era Digital: aliada ou inimiga do professor de história no século XXI, In. Para gostar de História. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

BETTENCOURT, Circe Maria Fernande. Ensino de História: fundamentos e métodos. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2018.

DE ANDRADE, Andreia Rodrigues et al. DESAFIOS E PERSPECTIVAS: O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO PANDÊMICO. AÇÕES EDUCATIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA, p. 39. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Jaqueline-Inez-DeSantana/publication/350963045_Acoes_educativas_em_tempos_de_pandemia/links/608018c8881fa114b416ff6f/Acoes-e-educativas-em-tempos-de-pandemia.pdf#page=40 . Acesso em 06/01/2022.

DE OLIVEIRA NETO, Antônio Alves; VERSUTI, Andrea; VAZ, Wesley F. Perspectivas para o uso do WhatsApp no estímulo à aprendizagem dos sujeitos. Anais da Semana de Licenciatura, v. 1, n. 7, p. 222-236, 2016. Disponível em:

<http://revistas.ifg.edu.br/semlic/article/view/551> Acesso em 08/01/2022

FERREIRA, C. A. L. Ensino de História e a Incorporação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: Uma reflexão. disponível em:

<https://revistas.apps.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2087/1569> . Acesso em 18/05/2020.

LAROS, J. A. O uso da análise fatorial: algumas diretrizes para pesquisadores. In: PASQUALI, L. Análise fatorial para pesquisadores. Brasília: LabPAM, 2005. p. 141-160.

LOPES, Rosemara Perpetua; FÜRKOTTER, Monica. Formação inicial de professores em tempos de TDIC: uma questão em aberto. Educação em Revista, v. 32, p. 269-296, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/n45nDkM4vvsHxGw9tgCnxph/abstract/?lang=pt> Acesso em 08/01/2022

MARTINS, M. P. de S.; SOUSA, R. P. de. Ensino de História: estudos domiciliares em tempos de Covid-19. Olhar de Professor, [S. l.], v. 23, p. 1–5, 2020. DOI:

10.5212/OlharProfr.v.23.2020.15974.209209226464.0614. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/15974> . Acesso em: 12 out. 2023

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de História, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago. 93, p. 143-162. 1992. Disponível em:

http://sipeadturmae4.pbworks.com/w/file/115496701/semana2_nadai.pdf. Acesso em: 08/01/2022.

TABER, K. S. The use of Cronbach's alpha when developing and reporting research instruments in: science education. *Research in Science Education*, v. 48, n. 6, p. 1273-1296, jun. 2018.